

DANDO VIDA AO INANIMADO: EXPERIÊNCIAS COM O TEATRO DE FORMAS ANIMADAS DO PIBID NA ESCOLA PÚBLICA

Jheniffer Stefane Rodrigues da Silva¹

Kamile Nascimento da Silva²

Lyane Marcelle Cavalcante Santos³

Maria Luiza Lemos Bergoc⁴

Resumo: Este artigo apresenta uma análise das práticas desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em Teatro, na escola de tempo integral, Colégio Municipal Humberto Barradas, com foco na utilização do Teatro de Formas Animadas em três turmas do 7º ano do ensino fundamental II, ano de 2025. A pesquisa foi realizada por três bolsistas, atuando nas três turmas distintas, cada uma utilizando uma metodologia específica: Teatro Lambe-lambe, Teatro de Bonecos e Teatro de Objetos. Os resultados apontam que o uso dessas metodologias ampliou o repertório expressivo dos estudantes, favorecendo a interdisciplinaridade e fortalecendo o vínculo entre arte e pedagogia no ambiente escolar.

Palavras-chave: PIBID, Teatro de Formas Animadas, Ensino de Teatro, Teatro na Escola.

INTRODUÇÃO

O ensino de teatro nas escolas públicas brasileiras tem se consolidado como um campo fértil para práticas pedagógicas que exploram a criatividade, a expressão e o pensamento crítico dos estudantes. Através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que é uma importante política pública para a formação inicial de professores e possibilitando a articulação entre teoria e prática, essas práticas estão cada vez mais acessíveis para a educação básica de ensino. Neste artigo, apresentamos experiências realizadas por três bolsistas do PIBID/Teatro, Maria Luiza Bergoc atuando no 7º A, Jheniffer Rodrigues atuando no 7º ano B e Kamile Nascimento atuando no 7º C, no Colégio Municipal Humberto Barradas na cidade de Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco. Cada bolsista, em sua respectiva turma, utilizou práticas metodológicas, com a proposta de desenvolver atividades pedagógicas por meio de diferentes linguagens do Teatro de Formas Animadas,

¹Jheniffer Stefane Rodrigues da Silva (jheniffer.stefane@ufpe.br). Discente em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (desde 2021). Bolsista do PIBID/Teatro-UFPE (2025).

²Kamile Nascimento da Silva (Kamile.silva@ufpe.br). Discente em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (desde 2020). Bolsista do PIBID/Teatro-UFPE (2025).

³Lyane Marcelle Cavalcante Santos (professoralayartes@gmail.com). Mestra em Artes pelo Programa ProfArtes-UFPE (2023). Professora Efetiva de Arte do Ensino Fundamental II, na Prefeitura Municipal de Jaboatão dos Guararapes. Supervisora do PIBID/Teatro-UFPE (2025).

⁴Maria Luiza Lemos Bergoc (malubergocontato@gmail.com). Graduanda do curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal de Pernambuco (2025). Estagiária na Escola Municipal de Artes João Pernambuco (2025). Integrando o PIBID/Teatro-UFPE (2025).

com a supervisão da Professora de Arte da escola, Lyane Marcelle Cavalcante Santos.

O Teatro de Formas Animadas, que compreende manifestações como o Teatro de Bonecos, o Teatro de Objetos e o Teatro Lambe-lambe, possui um vasto potencial expressivo e simbólico, dando vida ao inanimado através do lúdico e da subjetividade imersa nas práticas teatrais. Essas formas de teatro permitem abordagens sensoriais e imagéticas que enriquecem os processos de ensino e aprendizagem.

Maria Luiza Bergoc, desenvolveu uma experiência formativa com teatro de formas animadas com o 7º ano A, utilizando o teatro lambe-lambe⁵ nas aulas de arte, estimulando as narrativas dramáticas e outros processos cênicos. O teatro lambe-lambe é uma linguagem cênica no campo do teatro de animação, caracterizada por sua forma intimista, portátil e de curta duração. Criado no Brasil, na década de 1980, pelas artistas Ismine Lima e Denise Di Santos, esse formato consiste em pequenas apresentações realizadas dentro de uma caixa cenográfica, geralmente para apenas um espectador por vez.

Jheniffer Rodrigues trabalhou com uma turma de 7º ano B, utilizando o teatro de bonecos⁶ como linguagem principal. O teatro de bonecos é uma manifestação artística que utiliza bonecos como protagonistas da cena, animados por artistas que lhes dão movimento, voz e expressividade. A proposta partiu da criação coletiva de personagens e enredos a partir de temas sugeridos pelos próprios estudantes. O processo envolveu experimentação estética, criação de textos dramáticos para a cena, construção de bonecos com materiais reutilizáveis, vivências de manipulação e apresentação de pequenas cenas com o foco no fantoche. A atividade teve como objetivo desenvolver habilidades de expressão corporal e vocal, além de trabalhar com noções de construção narrativa e dramaturgia. A resposta dos estudantes foi altamente positiva, especialmente por se sentirem reconhecidos e pertencentes de suas próprias histórias.

Kamile Nascimento atuou com uma turma de 7º ano C e utilizou o teatro de objetos⁷, no qual objetos cotidianos são ressignificados e ganham vida cênica. O teatro de objetos é uma vertente do teatro contemporâneo que utiliza objetos do cotidiano como protagonistas da cena, atribuindo a eles novos sentidos e funções poéticas. A proposta incluiu oficinas de

⁵O teatro lambe-lambe é uma linguagem cênica do teatro de formas animadas, criada no Brasil, em Salvador (Bahia), em 1989, pelas artistas Ismine Lima e Denise Di Santos. Ele se caracteriza como um teatro em miniatura, realizado dentro de pequenas caixas, onde o público assiste a uma cena curta, olhando por um visor.

⁶O teatro de bonecos faz parte do teatro de formas animadas em que os bonecos, fantoches ou marionetes são os protagonistas das histórias, movimentados por artistas chamados bonequeiros ou manipuladores.

⁷O teatro de objetos é uma linguagem do teatro em que objetos do cotidiano (como xícaras, sapatos, colheres, caixas, brinquedos, ferramentas etc.) são usados como se fossem personagens ou elementos cênicos principais.

observação, manipulação e improvisação com objetos trazidos pelos próprios estudantes. Ao trabalhar com objetos não convencionais, como escovas, painéis e utensílios diversos, os estudantes foram estimulados a explorar novas formas de narrativa e representação. Essa metodologia ampliou a percepção estética dos estudantes e provocou reflexões sobre consumo, memória e identidade.

TEATRO DE LAMBE-LAMBE: MICROCENAS QUE AMPLIAM OLHARES

Maria Luiza Bergoc iniciou sua jornada no PIBID em dezembro de 2024, mas foi a campo pela primeira vez em março de 2025, no Colégio Municipal Humberto Barradas, localizado no bairro de Engenho Velho em Jaboatão dos Guararapes (PE). A escola funciona com fundamental I e II no formato integral, de modo que os estudantes passam o dia na escola.

O seu grupo de pesquisa foi o 7º A, uma turma grande que se interessou pela novidade e clama por atividades que os tirasse da rotina corriqueira de uma escola de tempo integral. De início, estava bem aberta a encontrar a necessidade da turma diante de diferentes abordagens que pretendia trazer: a cada semana, prática corporal, uma prática escrita, um exercício de voz, entre outros, mas a estrutura do sistema escolar dificulta bastante o processo metodológico, exigindo que exista um conteúdo que culmine em alguma atividade avaliativa, correspondente a nota da disciplina Arte. Em conversa com a supervisora, também professora de artes da turma, Lyane Cavalcante Santos, decidiu-se orientar uma metodologia temática que fosse possível uma maior liberdade de experimentar a turma, mas que desse respaldo suficiente para caber na estrutura escolar. Iniciou-se então práticas através do teatro de formas animadas, mais precisamente o teatro lambe lambe.

Desse modo, através do planejamento das aulas, começaram as práticas corporais, oficina de escrita, confecção de lambe-lambe, ensaios e no fim uma pequena mostra na escola. As práticas corporais tinham o objetivo de tirá-los da sala de aula, alongar e aquecer o corpo, e realizar jogos que visualizassem a estrutura de início, meio e fim. Além de ser uma atividade diferente dentro da rotina, houve a preocupação com o próximo passo, a ideia da oficina de escrita era que criassem o texto que usaríamos no lambe-lambe, então pretendia-se trabalhar noções textuais também por meio das práticas. As práticas foram pensadas de forma que pudessem ser o início da construção textual. As práticas consistiam em um jogo de imagens, onde se formavam grupos em que cada membro do grupo contava uma história e elegiam a história que o grupo queria trabalhar. Após isso, vinha uma experimentação

corporal de como contar aquela história utilizando apenas imagens corporais estáticas. Com isso, os estudantes vão discutindo como contar a história, quais pontos e personagens importantes, quais momentos não podem ficar de fora para que a história seja entendida.

As práticas duraram três aulas e logo após seguíamos o cronograma para a oficina de escrita com as histórias escolhidas. Essa etapa tomou mais tempo que o planejado, a partir do momento que voltamos para a sala para realizar uma atividade escrita percebeu-se que os estudantes encaram o processo de escrita como mais uma das muitas atividades que eles realizam durante a semana, por esse motivo houve dificuldades com o cumprimento de prazos e houve a alteração do planejamento inicial.

Com intuito de dar um incentivo aos estudantes, precisou-se utilizar uma aula para trazer vídeos do teatro lambe-lambe. O vídeo “O que é teatro lambe lambe: origem, características, técnicas de manipulação de bonecos” do Grupo Girino⁸, também deles o vídeo “Mini festival de teatro lambe lambe” e um vídeo da história “saudade do mar” de um lambe lambe de sombra. O primeiro vídeo foi utilizado para mostrá-los como funciona o teatro lambe lambe e permitir que visualizassem que o que estávamos fazendo se culminaria naquilo. O segundo vídeo veio para mostrar quantas diferentes formas de caixas e histórias poderíamos criar, e para que eles se apropriassem daquilo que estavam contando. O último vídeo trouxe a dramaturgia em si, era uma apresentação de lambe lambe gravada, em que puderam assistir como funciona enquanto espectador.

De primeira, pensou-se em trazer para eles de forma física um lambe-lambe para que pudessem assistir e experienciar presencialmente, mas a ideia foi descartada. Os estudantes se entusiasmaram com a ideia e passaram a trabalhar nos textos com mais fervor, até que encontramos um novo obstáculo: eles não gostavam das histórias. Precisava encontrar uma forma de continuar aquele trabalho ou descartar e começar um novo texto.

Neste processo, ainda não houve a finalização da construção textual, passamos a descobrir como alterar o texto sem descartar completamente o que já foi trabalhado, sendo assim ainda não houve a confecção de caixa do lambe, bonecos e ensaios para a culminância do processo criativo. A riqueza do processo criativo junto à essa turma, que vêm aprendendo a trabalhar em equipe e a construir dramaturgias teatrais é de muita potência, pois o trabalho de investigação teatral perpassa tanto pelas significações das narrativas, quanto pela imersão social em que os estudantes estão inseridos na comunidade escolar.

Por fim, o estímulo à finalização das histórias e a organização de um mini festival de

⁸O Grupo Girino é uma companhia brasileira de teatro de bonecos, teatro de animação e teatro em miniatura, com sede em Belo Horizonte (MG). <https://grupogirino.com>

teatro lambe-lambe na escola, poderia se transformar em um mini festival de teatro de formas animadas, já que existem várias metodologias do teatro de formas animadas sendo trabalhados na escola como vocês descobrirão a seguir.

O TEATRO DE FANTOCHES COMO ESTRATÉGIA DE MEDIAÇÃO

Jheniffer Rodrigues iniciou sua prática em março de 2025 na Escola Municipal de Tempo Integral Humberto Barradas, sob supervisão da professora de Arte, Lyane Cavalcante Santos. O trabalho foi desenvolvido junto à turma do 7ºB e teve como proposta o Teatro de Fantoches, construído com materiais reutilizáveis, especificamente **caixas de leite**. O objetivo foi estimular a criatividade, a autonomia e a reflexão crítica dos estudantes, valorizando a sustentabilidade e a coletividade por meio do teatro de formas animadas.

A escolha pelos materiais reutilizáveis atendeu tanto a uma necessidade prática, de acessibilidade e baixo custo, quanto a uma dimensão pedagógica, já que favoreceu a autonomia, a criatividade e a consciência ambiental. A confecção dos bonecos transformou-se em um processo de aprendizado significativo, unindo teoria e prática e criando um espaço para que os estudantes se percebessem como autores de personagens e histórias. A metodologia seguiu uma perspectiva inspirada em Paulo Freire (1921-1997), na qual o conhecimento emerge do diálogo e da realidade concreta dos estudantes. Assim, cada etapa do processo foi construída coletivamente, a partir da escuta das experiências e interesses da turma.

O percurso pedagógico iniciou-se com jogos teatrais de integração e experimentações com fantoches improvisados, o que despertou curiosidade e envolvimento imediato da turma. Na sequência, os estudantes começaram a confeccionar seus personagens com caixas de leite, tecidos, papéis e outros materiais diversos da escolha deles, atribuindo assim características relacionadas às suas referências culturais, afetivas e vivenciais. Cada boneco tornou-se uma projeção simbólica de emoções e ideias, confirmando o que Ana Maria Amaral (1997) defende que o boneco é energia refletida do ator-manipulador, instaurando uma terceira presença em cena.

Com os personagens prontos, iniciou-se a elaboração de dramaturgias coletivas. Foram propostas perguntas como “O que faz uma história ser interessante?” e “Qual gênero você gosta de assistir?”, o que revelou a diversidade de repertórios da turma — entre terror, comédia, super-heróis e outros estilos. A partir das respostas, os grupos estruturaram narrativas próprias, tomando como referência os conceitos de personagem, rubrica e cenário apresentados no livro *A linguagem no teatro infantil*, de Marco Camarotti. Os primeiros

roteiros mostraram entusiasmo e engajamento, com os estudantes se organizando em grupos e pensando coletivamente nas histórias que desejavam contar.

Em abril, o trabalho ganhou maior profundidade. Cada grupo escolheu um tema a ser abordado, todos relacionados ao cotidiano, relação familiar, meio ambiente, vivência escolar e experiências pessoais. Surgiram histórias sobre higiene pessoal, escovação dos dentes, respeito aos idosos e preservação da vida marinha. A experiência mais marcante foi a narrativa do “Zezinho”, um menino que sofria com problemas dentários devido ao seu consumo excessivo de doces e tinha medo de dentista. Inspirada na vivência de um estudante do grupo, a história foi construída coletivamente com humor e sensibilidade, resultando em uma cena com forte valor pedagógico. Esse exemplo mostrou como os fantoches funcionaram como mediadores expressivos, permitindo que estudantes tímidos se comunicassem com mais liberdade, encontrando no boneco uma espécie de máscara que lhes dava voz.

A cada encontro, os textos eram revisitados, ajustados e enriquecidos pelas reflexões do grupo. Questões como “Qual a moral dessa história?” e “Para quem você está falando?” orientaram as construções estimulando a autonomia e o senso crítico. O processo culminou em ensaios coletivos e apresentações parciais, nas quais os próprios estudantes ofereciam feedback uns aos outros. O resultado foi um crescimento visível não apenas em termos artísticos, mas também no fortalecimento do diálogo, da cooperação e da confiança da turma.

Nos ensaios finais, ficou evidente como o teatro de fantoches superou o caráter de simples entretenimento e tornou-se uma linguagem educativa essencial. O boneco, ao assumir o protagonismo da cena, possibilitou que os estudantes se envolvessem sem medo de julgamentos, revelando subjetividades e construindo discursos coletivos. Como destaca Amaral (2011, p. 23) “O boneco não é apenas um objeto inerte, mas um prolongamento do corpo e da voz do animador, instaurando uma terceira presença em cena”. Essa dimensão pedagógica foi decisiva para ampliar a escuta, expressão e formação identitária dos estudantes.

Em síntese, levar o Teatro de Fantoches para o contexto da escola pública reafirmou a importância da arte como linguagem formadora. Ao animar objetos reutilizáveis, abriu-se um canal poético entre o simbólico e o existencial, permitindo que os estudantes se vissem e contassem o mundo a partir de suas próprias perspectivas. Desta forma, a experiência consolidou a crença no teatro como caminho pedagógico transformador, no qual a prática docente se constrói em diálogo, criatividade e coletividade.

QUANDO OS OBJETOS GANHAM VOZ: REFLEXÕES DO PIBID/TEATRO

Ao iniciar o trabalho no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Kamile Silva, bolsista do PIBID, tinha a intenção de desenvolver práticas teatrais fundamentadas no Teatro do Oprimido, técnica criada pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, dramaturgo, diretor, escritor e político brasileiro, reconhecido internacionalmente por sua contribuição ao teatro. Essa abordagem busca estimular a reflexão crítica a partir de situações de opressão vividas pelos participantes, colocando-os como protagonistas da ação cênica.

Entretanto, ao adentrar a sala de aula e estabelecer o primeiro contato direto com os estudantes, percebemos que seria necessário adaptar essa proposta inicial. Com os estudantes, foi realizada uma aula de caráter investigativo, fundamentada nos jogos teatrais propostos por Viola Spolin⁹, que tem a capacidade de estimular a espontaneidade, a imaginação e a coletividade, possibilitando que os estudantes tivessem o primeiro contato de forma lúdica e participativa. O intuito inicial dessa abordagem foi observar como cada estudante se colocava diante da prática cênica: suas reações corporais, a disponibilidade para a brincadeira, a escuta coletiva e os modos de se relacionar com o espaço. Essa etapa se revelou fundamental para compreender o grupo não apenas como uma turma escolar, mas como um coletivo de sujeitos singulares, cada qual trazendo consigo histórias, ritmos e modos de estar no mundo.

A partir do primeiro contato com a turma, percebeu-se a necessidade de reformular o método de trabalho. Observando que se tratava de estudantes mais jovens e que suas problemáticas sociais ainda não eram tão complexas, percebeu-se que a técnica inicialmente planejada — o Teatro do Oprimido — poderia não ser a mais adequada para aquele contexto específico. A aula investigativa revelou, ainda, que os estudantes apresentavam grande predisposição para jogos teatrais, o que indicava um caminho de trabalho mais lúdico e exploratório. Considerando também a predisposição demonstrada pela professora regente da turma para práticas de teatro de formas animadas, e a experiência prévia da bolsista, Kamile com teatro de fantoches, passamos a compreender o PIBID não apenas como um espaço de aplicação de técnicas conhecidas, mas como um lugar de descoberta, tanto para os estudantes quanto para as envolvidas na mediação das aulas.

⁹Pioneira nos estudos dos jogos teatrais, é referência fundamental para professores com pesquisas voltadas especialmente para as áreas de improvisação e expressão cênica. Em 1975, publicou a obra Jogos Teatrais: O Fichário De Viola Spolin, que se tornou um marco na pedagogia teatral. Sua metodologia é amplamente utilizada tanto em contextos educativos quanto em treinamentos para atores, sendo reconhecida por sua capacidade de estimular a criatividade, escuta e o jogo coletivo.

Consequentemente, entendemos que o teatro de formas animadas seria uma abordagem adequada para a turma. Em consonância com a professora regente, definimos o teatro de objetos como a primeira técnica a ser trabalhada, com a possibilidade de, posteriormente, integrar outras técnicas ou permitir a coexistência de diferentes linguagens dentro do teatro de formas animadas. Essa decisão metodológica buscou alinhar os interesses e as potencialidades dos estudantes com as experiências docentes, garantindo um percurso de aprendizagem participativo e significativo.

Diante disso percebe-se que a escuta e a preparação são fundamentais em processos educativos, afinal “é importante e fundamental que o educador se programe, mas também que esteja aberto às mudanças, principalmente, quando consideramos o mundo em que os educandos estão inseridos. É essa abertura que nos impede de cair na armadilha de achar que somos os únicos detentores do saber e abrimos espaço para uma construção coletiva” (NASCIMENTO, 2025, p.44)

Ao introduzir o Teatro de Formas Animadas, foi necessário dedicar um momento à explicação conceitual, destacando a relação entre o animado e o inanimado. Objetos inanimados são aqueles que estão presentes no cotidiano do ser humano, mas que não possuem vontade própria nem capacidade de se mover racionalmente, quando o ator transmite energia a esses objetos por meio de movimentos, cria-se a sensação de que eles estão vivos, ou seja, eles se tornam animados. Como destaca a pesquisadora Ana Maria de Abreu Amaral: “Os objetos contêm energias e são símbolos. O objeto no teatro é alquimia. Dramatizar com objetos é a arte de transformá-los. Implica criar um personagem, aparentemente vivo, através de suas transformações ou movimento” (AMARAL, 1989, p.3).

Após essa etapa teórica, houve um avanço para a prática, convidando voluntários a dar vida a objetos do cotidiano, de fácil acesso, como forma de iniciar a exploração prática da animação. Foi muito interessante perceber os estudantes dando vida a objetos do cotidiano, reconhecendo que o teatro pode existir até mesmo naquilo que, à primeira vista, parece tão comum. Essa percepção ampliou a compreensão dos estudantes sobre a linguagem teatral e reforçou a potência criativa do trabalho com objetos, mostrando que a animação e a dramaturgia podem emergir de elementos simples do dia a dia.

Os estudantes também eram incentivados a definir a ambientação de seus objetos-personagens e a construir diálogos entre eles, experimentando diferentes formas de animação. Posteriormente, as atividades foram ampliadas para exercícios coletivos, unindo duplas vizinhas e transformando os diálogos individuais em experimentações em grupo. Essa abordagem permitiu uma exploração mais ampla e dinâmica da animação, estimulando tanto

a criatividade individual quanto a colaboração entre os estudantes.

Para enriquecer a compreensão deles sobre a linguagem, utilizamos vídeos do festival FITO¹⁰ como referência, apresentando exemplos de Teatro de Objetos. A exibição serviu de grande inspiração, suscitando comentários sobre a criatividade e o impacto de perceber como os objetos podem ganhar vida de maneiras diversas. Com base nesse estímulo, introduzimos a etapa de criação dramaturgica, delimitando a temática "sonhos" como ponto de partida. Era fundamental que os estudantes se envolvessem na construção dramaturgica, pois "a dramaturgia do Teatro de Objetos é autoral, pessoal, individual, e que, portanto, está vinculada ao ator que a criou" (VARGAS, 2018 p.38).

Ao trabalhar a dramaturgia, foi necessário apresentar os moldes dramaturgicos de criação no teatro, explicando como estruturar cenas, organizar ações e desenvolver personagens. Também foi fundamental delimitar a temática, para fornecer um ponto de partida concreto para a criação. A escolha do tema "sonhos" se deu pela possibilidade de estimular a imaginação, permitindo que eles explorassem livremente suas experiências, desejos e perspectivas individuais de forma lúdica, ao mesmo tempo em que encontravam um fio condutor comum para as cenas. Com a temática definida, a turma foi dividida em grupos, e acompanhamos o desenvolvimento das dramaturgias, oferecendo orientações e sugestões para que cada cena pudesse se transformar em uma narrativa.

À medida que os grupos avançavam, alguns ainda precisavam concluir seus textos, enquanto outros iniciavam os ensaios. Nos primeiros ensaios, o foco esteve em transformar a dramaturgia em cenas animadas, dando vida aos objetos e explorando suas possibilidades expressivas. Foi perceptível o engajamento de grande parte dos envolvidos no processo, embora houvesse variação no nível de envolvimento: alguns se destacaram pela criatividade intensa, enquanto outros demonstraram maior timidez ou menor participação.

Um aspecto muito importante desse processo foi perceber a grande predisposição dos estudantes para a criação de cenários. Muitos comentavam sobre o desejo de desenvolver o espaço em que suas histórias aconteceriam, demonstrando interesse em dar forma física às narrativas que estavam construindo. A partir dessa percepção, iniciamos a reflexão e a prática de construção dos cenários, inaugurando uma nova etapa no processo, voltada para o planejamento e a materialização dos espaços cênicos. Essa etapa permitia que os estudantes integrassem o cenário às suas dramaturgias e às animações dos objetos, tornando a experiência mais completa e imersiva.

¹⁰Festival Internacional de Teatro de Objetos, criado em 2009 reunindo artistas e espetáculos dedicados à linguagem do teatro de objetos

Mesmo com o processo ainda em andamento, percebemos que o Projeto PIBID tem se mostrado uma potência muito significativa na trajetória de uma arte-educadora e mediadora da linguagem teatral. Essa experiência tem reforçado a compreensão de que a sala de aula é um espaço em constante construção e que a docência se configura como um campo de aprendizado contínuo. Como lembra Paulo Freire “testemunhar a abertura dos outros, a disponibilidade curiosa da vida e seus desafios são saberes necessários à prática educativa” (FREIRE, 2021, p 133). Também foi possível perceber a presença e a relevância do projeto na vida dos estudantes, especialmente através do Teatro de Formas Animadas, no qual eles puderam expressar suas individualidades por meio de objetos do cotidiano.

Nesse percurso, trabalhamos a junção entre dramaturgia e objetos, investigando como dar vida a elementos inanimados e como integrar essa dramaturgia à cena. Além disso, a experiência possibilitou a coexistência com outras linguagens artísticas, como as artes visuais, ampliando o alcance estético e expressivo das criações. Assim, o projeto se revelou extremamente enriquecedor não apenas do ponto de vista artístico e estético, mas, sobretudo, do ponto de vista pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vivenciadas no âmbito do PIBID/Teatro revelaram-se um espaço de constante aprendizado, reafirmando que a prática docente não se encerra na simples aplicação de metodologias previamente planejadas, mas se constrói na escuta, na adaptação e na abertura para o inesperado. Nesse sentido, a prática da linguagem teatral dentro da escola se consolida como um campo que privilegia o protagonismo estudantil, a ludicidade e a experimentação cênica como caminhos para a construção coletiva do saber.

Trabalhar com o teatro de formas animadas, estimulando a animação de objetos cotidianos e a construção dramatúrgica a partir das vivências e temas que os próprios estudantes propuseram, não apenas expandiram o olhar deles sobre a linguagem teatral, como também proporcionaram um espaço de valorização de suas histórias, sonhos e modos singulares de perceber o mundo, que é de extrema relevância para o processo criativo na escola, envolver as dramaturgias que dialogam com a realidade dos grupos focais.

Assim, o PIBID área de Teatro, ao promover o acesso dos bolsistas para dentro das escolas, estimula a mediação entre teoria e prática, reafirmando-se como um projeto transformador tanto para os futuros docentes quanto para os estudantes da educação básica. Esse é o lugar onde o chão da escola se reinventa, e em que a docência é vivida como um

processo de constante troca, desafios, descobertas e reinvenções metodológicas, pois a escola é um “organismo” vivo, que se refaz todos os dias. Nesse percurso, o teatro tem sido uma potente linguagem capaz de mobilizar afetos, estimular a criatividade e fomentar uma educação crítica, participativa e humanizadora, proporcionando vivências que atravessam a vida de cada estudante que se disponibiliza às práticas teatrais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Ana Maria. **Teatro de Animação**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

AMARAL, Ana Maria. **Teatro de Formas Animadas: Máscaras, Bonecos, Objetos**. São Paulo: EDUSP, 2011.

AMARAL, Ana Maria. **Teatro de Formas Animadas: uma arte milenar**. São Paulo: Hucitec, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GIRINO. **O que é teatro lambe lambe: origem, características, técnicas de manipulação de bonecos**. Youtube. 10 de agosto de 2020. 10min26seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TeSC8scxXnE>. Acesso em: 7 de maio de 2025.

GIRINO. **Mini festival de teatro lambe lambe**. Youtube. 2 de maio de 2018. 1min03seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FyZPMX1EYZQ>. Acesso em: 7 de maio de 2025.

CIDA. **Teatro lambe lambe de sombras-Saudade do Mar**. Youtube. 20 de julho de 2021. 1min52seg. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xQvIgJ4Zfoo&list=RDxQvIgJ4Zfoo&start_radio=1. Acesso em: 7 de maio de 2025.